

## OFICINA DE PRODUÇÃO DE MÁSCARAS AFRICANAS: PRÁTICA DA CERÂMICA EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Lourival dos Santos  
Isabela de Paula Ribeiro  
Jéssica Cristina Flores Vinga  
Elias Brandão de Aquino

### Eixo 1 - Impactos sociais e educacionais

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência vivida na disciplina optativa de História da África do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no segundo semestre de 2024, onde uma oficina de modelagem em argila foi ministrada pelo aluno Elias Brandão de Aquino, de Artes Visuais, participante da disciplina. Na oficina foram confeccionadas máscaras africanas que serviram como um dos métodos avaliativos sugeridos pelo professor orientador Lourival dos Santos, além de um trabalho de pesquisa escrito acerca da etnia produtora do artefato. Após o período das aulas expositivas dialogadas sobre os aspectos históricos, religiosos, culturais, filosóficos do continente africano, cada aluno escolheu uma máscara do livro disponibilizado pelo professor, de acordo com o significado ou pela estética, para confeccionar na oficina, usando técnicas e materiais da preferência de cada um, como a argila. Como resultado dessa experiência e em articulação com o Grupo de Pesquisas Currículo, Cultura e História (GEPEH/UFMS) com o projeto “Formação de professores, currículo, práticas educativas e diferenças” coordenado pela profa. Dra. Maria Aparecida Lima dos Santos, a oficina de cerâmica está sendo desenvolvida para se tornar um curso de formação de professores para desconstruir concepções estereotipadas e equivocadas sobre a história da África, contribuindo para o desenvolvimento de uma postura comprometida antirracista dentro das escolas através da diretriz curricular de relações étnico-raciais.

**Palavras-chave:** máscaras africanas; formação de professores; arte-educação

### Introdução

*Através da boca de Tierno Bokar, o sábio de Bandiagara, a África dos velhos iniciados avisa o jovem pesquisador:  
“Se queres saber quem sou,  
Se queres que te ensine o que sei,  
Deixa um pouco de ser o que tu és  
E esquece o que sabes”.<sup>1</sup>*

O trabalho elaborado na disciplina de História da África tem o foco em como os povos africanos mantêm uma relação profunda e complexa com as máscaras, que vai muito além de uma simples dicotomia entre o religioso e o secular. A pesquisa se iniciou primeiramente a partir de um livro de uma coleção de máscaras africanas adquiridas e localizadas no Museu Barbier-Mueller, na Suíça.

Trata-se de uma atividade avaliativa que foi modificada para explorar novas formas de aprendizado e engajamento entre alunos, em vez de uma avaliação escrita tradicional, foi proposta a criação de máscaras africanas, com o objetivo de integrar conhecimentos culturais, artísticos e históricos. O trabalho foi dividido em quatro momentos. No primeiro momento, para promover uma compreensão mais profunda da

<sup>1</sup> HAMPATÊ, BÂ, A. A tradição Viva in: História Geral da África vol I: metodologia e pré-história da África. São Carlos; UNESCO, MEC e UFSCAR, 2010, p. 212

simbologia das máscaras, uma aluna ficou encarregada de traduzir e enviar a introdução do livro *African Masks: The Barbier-Mueller Collection*. No segundo momento, cada estudante escolheu uma máscara com base em sua estética e o significado de cada máscara foi traduzido do mesmo livro. Em um terceiro momento, os alunos se reuniram para oficinas de elaboração das máscaras, principalmente feitas com argila terracota. No quarto e último momento, foram feitas duas fichas técnicas, uma extensa para avaliação e uma resumida para as apresentações.

Aqui serão relatadas as experiências de três estudantes, todo o processo após a execução das máscaras e o intuito de fazê-las.

### **Leituras e conclusão de uma avaliação com cerâmica**

A ação ocorreu no início do mês de Outubro de 2024, a mudança do tipo de avaliação (que seria escrita e relacionada à Unidade I de leituras da disciplina) ocorreu, em parte, pelo entusiasmo de alunos de diferentes cursos, entre eles, Filosofia, Pedagogia e Artes Visuais e pela curiosidade de novas experiências avaliativas da parte do professor da disciplina, que achou interessante mesclar o conhecimento de cada estudante.

Com essa decisão, de início foi preciso traduzir a introdução do livro *African Masks: The Barbier-Mueller Collection*, para maior entendimento dos alunos sobre a cultura e simbologia das máscaras africanas, de acordo com cada etnia e artista. A partir da tradução, cada aluno escolheu sua máscara de acordo com o que lhe agradava visualmente, então foi traduzido também o suposto contexto de utilização de cada máscara, fosse para fins de entretenimento ou rituais.

Com a colaboração dos estudantes de Artes Visuais, foram apresentadas técnicas possíveis de construção de máscaras, onde seria marcada uma data para oficinas e cada aluno escolheria qual meio usaria, primeiro foi comentado o método de papel machê com balões, a seguir, o método com papelão e por fim, o método com argila/cerâmica que foi o usado nos principais trabalhos.

Desde o início, o intuito não era permanecer com as máscaras e seus significados apenas em sala de aula, mas sim apresentar em ambientes diferentes o trabalho feito na disciplina e dialogar sobre a importância de culturas não eurocêntricas, nas filosofias africanas e ainda assim a influência do ocidente na atualidade em relação às máscaras africanas e seus sentidos.

**Figura 1 - Máscara do livro e releitura feita com argila**



Fonte: Livro *African Masks: The Barbier-Mueller Collection* e acervo pessoal.

A máscara escolhida para uma das releituras foi a *gunye ge*, do povo Dan, feita de madeira fresca com pátina preta brilhante e com 22 cm de altura. Essa máscara, caracterizada pelos grandes olhos arredondados, é usada em eventos de corrida durante a estação de seca, onde é oferecida como prêmio nas competições.

A releitura da máscara foi realizada na oficina do dia 05/10 de 2024, feita manualmente em argila terracota, medindo 20cm de altura e 14cm de largura, incluindo um detalhe de ramo de folhas no lado direito para simbolizar a conexão com a natureza. A máscara foi finalizada fora da universidade, pois o período da oficina não foi o suficiente para fazer os detalhes do nariz, da boca e do ramo de folhas. O fato de a máscara não ter características zoomórficas, como outras máscaras do povo Dan, facilitou sua execução, mesmo que a estudante nunca tivesse trabalhado com argila antes.

A partir da execução da máscara, foi feita uma pesquisa sobre o povo Dan, onde habitam, costumes e sobre a simbologia da máscara escolhida. A pesquisa foi longa, pois é difícil achar material sobre os povos africanos e o significado de suas máscaras, muito foi traduzido do livro ou escavado em sites de ateliês que vendem máscaras africanas.

**Figura 2 - Máscara do livro e releitura feita com argila**



Fonte: Livro *Africans Masks: The Barbier-Mueller Collection* e acervo pessoal.

Outra máscara escolhida para reprodução foi a do elefante, da etnia Babanki, habitantes dos Camarões. Sua forma original tem 112.3 cm de comprimento, feita em madeira com acabamento patinado, uma técnica que confere um aspecto envelhecido à peça, como se o desgaste fosse natural; é usada horizontalmente na cabeça, como um capacete. Por ser considerado um animal da realeza, a máscara de elefante é um privilégio especial de certas linhagens, por isso é usada apenas ocasionalmente nas cerimônias de homenagem aos mortos.

Ao ser reproduzida em um material mais pesado que madeira, a argila, a máscara precisou ser feita em tamanho reduzido, para facilitar o transporte, a queima dentro do forno e o processo de modelagem em si. Após as instruções da oficina sobre bater repetidamente a argila para tirar as bolhas de ar da massa e constantemente molhar as mãos durante o processo para a argila não ressecar, as partes do elefante foram feitas separadamente e depois foram coladas uma por uma. Por orientação do mediador da oficina, as partes maciças do elefante foram manipuladas para se tornarem ocas, as peças foram abertas e o interior delas foi retirado, deixando o interior delas oco, para reduzir o peso e facilitar o processo de colar as partes juntas e elas não caírem, as partes ocas são a cabeça, as presas e a tromba. Com ajuda de outra foto do livro das máscaras,

pudemos ver outro ângulo que mostrava que a peça possuía uma boca aberta e dentes nela, então essas partes foram colocadas na reprodução.

Depois de pronta, na hora de guardar a máscara, a tromba se partiu no meio por falta de sustentação, por isso precisou ser refeita na hora e quando foi guardada de novo, um pano foi colocado embaixo dela para evitar que ela quebrasse de novo. Pela falta de experiência da aluna em trabalhar com a argila, alguns processos feitos poderiam ter sido mais fáceis de executar, como os dentes da boca, que foram feitos depois que a tromba já tinha sido colada à cabeça, dificultando a colagem dos dentes, que só foi possível de fazer virando a cabeça para baixo, o que deve ter contribuído para o desgaste da tromba, que mais tarde quebrou. Além disso, o processo de ocagem também teve falhas, pois na hora de fechar a peça que foi partida ao meio para a raspagem, a peça voltava a ser maciça, apenas com menos massa.

Depois de produzida a peça, um trabalho escrito foi feito como parte da avaliação, em conjunto com a máscara, acerca da etnia a qual a máscara pertence. Foi observada uma escassez de trabalhos e informações sobre a etnia e os poucos trabalhos encontrados não foram traduzidos para o português e vários eram focados na linguística da língua Babanki e não nos aspectos sociais e culturais do povo. O trabalho usado como referência foi um artigo sobre o potencial turístico da região onde a etnia Babanki vive, estando em inglês, antes da construção escrita do trabalho, houve um processo de tradução das informações pela própria aluna.

**Figura 3 - Máscara do livro e releitura feita com argila**



Fonte: Livro *Africans Masks: The Barbier-Mueller Collection* e acervo pessoal.

A terceira máscara produzida é uma releitura de um objeto atribuído por François Neyt à comunidade Eket, etnia de África que vive na Nigéria localizada entre os povos Ibibio e Ogoni. A estrutura dessa máscara é, predominantemente, composta por formas arredondadas e arcos. Há um pequeno rosto na máscara, que está envolvido por estruturas circulares de diferentes dimensões. O rosto é marcado por um triângulo invertido na testa, e sobrancelhas e olhos em formato de arco. Nas estruturas que o envolvem, há também pequenos arcos projetados para fora, além da inscrição de triângulos que são demarcados na superfície do círculo maior.

A releitura dessa máscara passou por algumas limitações resultantes do fato de que um objeto construído por tantas camadas (no caso, as estruturas circulares que se repetem, acoplando-se umas às outras) poderia ficar pesado, difícil de transportar e muito vulnerável à quebra, enquanto argila. Sendo assim, houve uma primeira tentativa de síntese formal e de tradução dos aspectos mais estruturantes do objeto, a fim de facilitar processos técnicos.

Considera-se, enquanto uma primeira tentativa de construção da máscara, que o

resultado possui aspectos bem sucedidos. Por outro lado, o estudante responsável pela peça pretende dar continuidade às investigações práticas de produção desse objeto para que tenha resultados ainda mais satisfatórios.

### **Experiências na oficina e resultados**

A oficina de produção das máscaras de cerâmica foi realizada no dia 05 de outubro na Sala de Esculturas do bloco 08 da UFMS. O processo, mediado por Elias Brandão de Aquino, acadêmico do curso de Licenciatura em Artes Visuais, aconteceu como um teste que, como resultado, evidenciou possibilidades de relação entre a produção manual e o saber histórico.

Para a realização dos trabalhos, alguns fundamentos e conhecimentos básicos da arte da cerâmica foram compartilhados com o grupo, a fim de que fossem evitados erros técnicos que pudessem comprometer o resultado das peças de maneira significativa. O processo, portanto, começou de maneira comum a todos, com a partilha de algumas informações sobre as propriedades físicas e químicas da cerâmica, tais como a origem da argila na decomposição de matérias rochosas, os estágios da argila de acordo com o nível de água perdido por evaporação durante a secagem e a inversão molecular que ocorre durante queimas e dá origem à peça cerâmica.

Após esse primeiro momento de conversa, deu-se início à prática, com as primeiras questões técnicas sendo levantadas, os participantes foram orientados pelo mediador a começar a produção soprando as massas de argila, a fim de comprimir a matéria-prima e evitar no interior dela a permanência de bolhas de ar, que na queima poderiam rachar a peça ou explodi-la. Após isso, cada participante foi incentivado a começar a modelagem da sua máscara. Essa etapa aconteceu de maneira individual, de modo que cada participante do processo tivesse a oportunidade de descobrir seus próprios métodos e estratégias para chegar ao resultado desejado. Felizmente, o que foi possível perceber foi que os processos de produção individuais tiveram muito a ganhar pela contaminação do outro, através da participação de olhares, leituras e estratégias compartilhadas em grupo.

Enquanto os participantes da oficina que são acadêmicos do curso de Artes Visuais demonstraram domínio técnico com a argila, devido ao contato com os estudos e práticas da cerâmica dentro da universidade, os estudantes de outros cursos não haviam, até o momento, tido contato com essa produção. Apesar disso, ainda que possuindo níveis diferentes de dificuldade, todos os estudantes foram bem-sucedidos na realização do trabalho, tendo conseguido avançar de maneira significativa em suas peças durante o tempo de realização da oficina.

Por fim, como resultado da execução das máscaras, apresentamos pela primeira vez nosso trabalho no Sarau filosófico, no dia 18/10, antes da queima das peças. Foi uma primeira experiência prazerosa e cheia de diálogos, abaixo imagens dessas ações:

**Figura 4 - Oficina de cerâmica**



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 5 - Apresentação no Sarau filosófico**



Fonte: Acervo pessoal.

### Considerações finais

A releitura, feita através da argila, de nosso acadêmico e de nossas acadêmicas das máscaras de etnias africanas trouxe um novo desafio no processo de produção dentro da disciplina de história da África. De certa forma, reproduzimos a experiência ancestral dos ofícios ancestrais africanos, a saber: a forja, a tecelagem, a couraria e a cerâmica.

Os ofícios artesanais tradicionais são os grandes vetores da tradição oral. Na sociedade tradicional africana, as atividades humanas possuíam frequentemente um caráter sagrado ou oculto, principalmente as atividades que consistiam em agir sobre a matéria e transformá-la, uma vez que tudo é considerado vivo. Toda função

artesanal estava ligada a um conhecimento esotérico transmitido de geração a geração e que tinha sua origem em uma revelação inicial. A obra do artesão era sagrada porque “imitava” a obra de Maa Ngala e completava sua criação. A tradição bambara ensina, de fato, que a criação ainda não está acabada e que Maa Ngala, ao criar nossa terra, deixou as coisas inacabadas para que Maa, seu interlocutor, as completasse ou modificasse, visando conduzir a natureza à perfeição. A atividade artesanal, em sua operação, deveria “repetir” o mistério da criação. Portanto, ela “focalizava” uma força oculta da qual não se podia aproximar sem respeitar certas condições rituais. (Hampatê, 2012, p. 85).

Trata-se de uma pedagogia decolonial que rompe com a lógica cartesiana da simples reprodução de conhecimento, a educação bancária de que nos falou Paulo Freire e até hoje praticada como regra nas escolas e nas universidades. A experiência tanto para o docente quanto para os/as discentes na disciplina (que palavra horrível!) foi um convite a nos jogarmos diante de práticas e conhecimentos desconhecidos e navegarmos longe, em águas tempestuosas que insistem em nos jogar nas rochas do litoral que limita o mar.

Dessa forma mudamos o curso da disciplina e de nossas vidas e saímos transformados com vontade de experimentar mais. Educação para transgredir e não para obedecer.

## Referências

HAMPATÊ, BÂ, A. A tradição Viva. In: UNESCO. Ministério da Educação. **História Geral da África: metodologia e pré-história da África**. São Carlos: UFSCAR; Brasília: UNESCO, MEC, 2010.

HAHNER Iris, KECSKÉSI Maria VAJDA László. **African Masks: the Barbier-Mueller Collection**. Munich, London, New York: Prestel Verlag, 2012.